

AS "LETRAS EM SÉRIE" DE UM CIDADÃO DO MUNDO: A TRAJETÓRIA DE JOSUÉ DE CASTRO ENQUANTO EXILADO (1964-1973)

Francisco Ferreira dos Santos Neto

Graduando em História

Universidade Católica de Pernambuco

francisco.2020104835@unicap.br

Resumo: Este artigo busca apresentar o plano de trabalho desenvolvido no Pibic-Unicap no qual realizo um mapeamento e análise das correspondências ativas e passivas de Josué de Castro durante o exílio na França, entre 1964 e 1973. O seu nome esteve presente na primeira lista dos exilados políticos pela ditadura civil-militar após o AI-1, em 1964. Intelectual brasileiro de renome internacional, optou pelo exílio na cidade de Paris, após ser convidado para presidir o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID). Posteriormente, exerceu o cargo de professor de Geografia Humana na Université de Vincennes (Paris VIII) em 1968. Nossas análises estão voltadas para o entendimento da circulação de ideias, dos debates e das redes de sociabilidade construídas por Josué de Castro durante sua trajetória como exilado político. Portanto, nosso projeto de pesquisa está inserido nos debates propostos pela História Intelectual e Nova História Política. As correspondências nos permitem analisar os diálogos, as trocas de ideias e as relações presentes nas redes de sociabilidade. Além disso, buscaremos relacionar as demandas sociais do contexto histórico com a produção intelectual de Josué de Castro.

Palavras-chave: Josué de Castro; Correspondências; História Intelectual.

Em que medida nos preocupamos com a fome? Quando nos deparamos com as imagens da fome, de que forma lidamos com elas? Olhamos a fome do outro ou somente a nossa? Quando estamos com a barriga cheia, pensamos na barriga vazia? Nos atentamos a(s)

fome(s) coletiva(s) ou apenas a individual, ou seja, a nossa? Muitas perguntas podem ser feitas e, nem sempre, encontramos boas respostas. O fato é que, como apontou Josué de Castro, a fome é um problema universal e fabricado pelo próprio homem. Este pernambucano, que iremos tratar neste artigo, buscou estudar e combater a fome no mundo com seus estudos e ações.

Buscaremos, aqui, de forma resumida, analisar as correspondências de um intelectual internacionalmente reconhecido enquanto estava exilado do seu país. Exílio que não acabou, pois Josué de Castro faleceu em 1973 na cidade de Paris, França. Além disso, investigaremos a circulação de ideias e os debates nos quais Josué de Castro esteve envolvido, relacionando com as demandas sociais do seu tempo. Importante destacar que nossas discussões estão voltadas para os debates propostos pela História Intelectual e a Nova História Política. Deste modo, as redes intelectuais e políticas construídas por Josué de Castro durante sua trajetória são fundamentais.

Captar a completude de uma vida é uma tarefa impossível, pois somente chega a nós alguns pedaços, rastros, fragmentos do passado. Precisamos estar atentos a isso, como nos chama a atenção Pierre Bourdieu (2006) ao nos destacar os problemas de uma ilusão biográfica. Trataremos, pois, do Josué do de Castro do exílio começado em 1964 após o Ato Institucional Nº 1 e terminado com seu falecimento em 1973. Fugindo dessa ilusão biográfica, entendemos Josué de Castro em sua multiplicidade, em sua complexidade. É importante comentar que estivemos preocupados com as questões levantadas ao se trabalhar com um acervo pessoal, pois a prática de "arquivar a própria vida" (ARTIÈRES, 1998) perpassa por uma seleção do que deve ser guardado.

As análises feitas por François Dosse (2003) acerca do tipo-ideal de intelectual, entendido em um sentido amplo, nos ajudará a pensar o intelectual multifacetado que foi Josué de Castro. Não buscaremos enquadrá-lo, porque, além de não ser possível, tornaria qualquer análise rasa. A partir do conceito de trajetória podemos compreender os microcosmos intelectuais de Josué, estruturados pelas redes de sociabilidade[1] construídas por ele ao longo de sua vida que influenciaram seus pensamentos de modo geral. Assim como as conjunturas, porque "não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos

[1] Nas palavras de Jean-François Sirinelli (2003, p. 252-253), "[...] a palavra sociabilidade reveste-se de uma dupla acepção, ao mesmo tempo 'redes' que estruturam e 'microclima' que caracteriza um microcosmo intelectual particular".

previamente construídos os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou" (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Um intelectual que está se constituindo a partir das relações que cultivou (boas e ruins), dos cargos que ocupou, das instituições que dialogou. Como aponta Jean-François Sirinelli (2003, p. 254) "no meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais". Nesse ínterim, as correspondências se tornam fundamentais, porque podem ser entendidas como um local de produção dos intelectuais, de troca de ideias e de livros etc. E são "letras em série", como chama Angela de Castro Gomes (2005), de um intelectual brasileiro de renome internacional, em um recorte cronológico no qual as cartas são um dos principais meios de comunicação. Portanto, o volume é grande e a seleção das fontes a serem utilizadas faz parte da operação historiográfica.

Josué Apolônio de Castro nasceu na cidade do Recife em 5 de setembro de 1908, onde morou durante sua infância e boa parte da adolescência. Ainda criança se deparou com as mazelas sociais do Brasil, dos mocambos presentes nos alagados do Recife com seus habitantes meio homens, meio caranguejos (CASTRO, 1966). Nos mangues, parafraseando João Cabral de Melo Neto, são todos irmãos de lama e de leite de caranguejo. Todos em busca de uma mesma coisa: saciar a fome. Mudou-se para Bahia por volta dos 16 anos para iniciar o curso de medicina. Posteriormente, foi para o Rio de Janeiro, onde se formou como médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1929.

Já atuando como professor, médico e nutricionista, escritor e cientista lança o livro Geografia da Fome em 1946. De forma pioneira, alicerçado na geografia, mapeia a fome no Brasil e a coloca no campo do debate científico, já que era tratada majoritariamente por jornalistas e literatos. Além do mais, Josué de Castro irá analisá-la em sua complexidade, chamando atenção para seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Em 1951, escreve sua Geopolítica da Fome. Neste livro, irá tratar a fome no mundo em dois volumes. Obra que o consolida enquanto intelectual reconhecido e lido pelo mundo todo, visto foi traduzido para 25 idiomas. Josué de Castro ganhou, ainda, o Prêmio Franklin Delano Roosevelt em 1952 e o Prêmio Internacional da Paz (1955) por Geopolítica da Fome. Ou seja, foi premiado pelos Estados Unidos da América e pela União Soviética em plena Guerra Fria.

Pelo reconhecimento de suas obras, foi eleito presidente do Conselho Consultivo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO)[2] no ano de 1952. Alguns poucos anos mais tarde, é eleito Deputado Federal de Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Posteriormente, é reeleito Deputado Federal em 1959, desta vez como mais votado de Pernambuco. Não cumpre todo o mandato, pois em 1962 é convidado pelo Presidente João Goulart para ser Embaixador do Brasil em Genebra para os assuntos ligados à ONU. Durante o cargo, é escolhido para ser o chefe da delegação brasileira na Conferência de Desarmamento, na qual teve papel destacado[3].

Ainda como Embaixador, na suíça, recebe a notícia que seu nome está na lista dos 40 primeiros a terem seus direitos políticos e civis cassados pela ditadura civil-militar após o AI-1 ser decretado em 9 de abril de 1964. Dessa forma, Josué de Castro já se encontrava foram do Brasil e não podia mais retornar. É importante mencionar que a primeira leva de cassados foi mais qualitativa do que quantitativa, como aponta a historiadora Denise Rollemberg Cruz (1999). Josué de Castro está inserido no que ela chama de Geração de 1964, que constitui os primeiros exilados, majoritariamente de políticos mais experientes ligados às esquerdas. Da mesma forma, Josué de Castro foi um intelectual que prontamente conseguiu asilo político, bem como emprego. Sem dúvida, isto é decorrente não apenas por suas obras, mas também pela sua atuação nos cargos que ocupou e organizações internacionais que atuou.

Dentre as propostas que teve, como ser professor da Universidade do Chile, possivelmente viu no Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID) uma forma efetiva de auxiliar os países subdesenvolvidos na luta contra a fome, temas que estarão interligados em seu pensamento. Sendo um de seus fundadores, Josué de Castro aceitou o cargo de Presidente deste organização, que não tinha fins lucrativos. Ocupou-o até sua morte. Sua sede executiva era na cidade de Paris.

---

[2] Fundada em 1945, no Canadá, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Criada com a intenção de reunir os esforços internacionais no combate a fome no mundo, tendo como objetivo "alcançar a segurança alimentar para todos e garantir que as pessoas tenham acesso regular a alimentos de alta qualidade em quantidade suficiente para levar uma vida ativa e saudável". Disponível em: www.fao.org/home/en/. Acesso em: 10 maio 2021.

[3] Em 7 de março de 1964, Jean Paul Sartre envia uma carta a Josué concordando com a proposta da delegação brasileira e o felicita por ser o instigador. FUNDAJ/CEHIBRA, Acervo Pessoal Josué de Castro, 88 – Pasta CARTAS 3º S.

Em carta enviada a Henri Vautrot, em 20 de maio de 1964, Josué de Castro externar que "esta organização visa incentivar, por todos os meios, uma política de verdadeira cooperação internacional para restaurar o equilíbrio econômico do mundo"[4]. Esta carta enviada a Henri V. segue a linha de algumas outras cartas enviadas por Josué de Castro aos amigos em resposta as que recebeu deles, após se acomodar na França. E, em cada uma delas, menciona que está como presidente do CID.

Esta opção pelo CID pode ter ligação com sua preocupação, durante seu exílio, com os debates sobre o subdesenvolvimento, sobretudo dos países do dito Terceiro Mundo, tendo amplo debate com a América Latina. Josué de Castro irá atrelar os problemas do subdesenvolvimento, desigualdades econômicas e sociais, à fome. Assunto recorrente em suas conferências, textos, aulas e projetos envolvendo o CID. É importante destacar que Josué de Castro preconizava um desenvolvimento qualitativo, que estivesse atento ao humano. Parafraseando-o, crescer é fácil, desenvolver, não (CASTRO, 2003). Aqui está a questão do dilema do pão ou do aço, que torna-se subtítulo do seu livro Geografia da Fome; e do subdesenvolvimento, já que ele está presente no desequilíbrio das estruturas industriais e agrícolas. Assim sendo, sem o recurso humano, a técnica não será efetiva.

Na demanda surgida pelo recurso humano interno capaz de auxiliar no desenvolvimento equilibrado nos países subdesenvolvidos, surgiram dois projetos principais do CID. Uma Universidade para o Desenvolvimento, que pretendia graduar especialistas na temática e um Instituto Internacional para Formação Técnica, com ênfase em três setores, administração, empresa pública ou privada e gestão rural, também voltado para formação de profissionais técnicos em desenvolvimento. Ambos visando suprir a demanda de profissionais qualificados para esses problemas no âmbito regional, porque as questões enfrentadas no continente africano são diferentes do continente americano.

Para tanto, Josué de Castro, como presidente do CID, buscou auxílio financeiro junto a diversos países e organizações internacionais. Assim como, cooperação técnica e política. A partir das correspondências podemos mapear essa rede construída por Josué de Castro através do CID. Uma rede ampla que abarca países de quase todos os continentes do mundo. E dentro dela, os microclimas particulares, a exemplo do construído com o governo do Chile, um dos grandes parceiros do CID. Além dele, podemos mencionar a Argentina, Colômbia,

[4] FUNDAJ/CEHIBRA, Acervo Pessoal Josué de Castro, 115 – Pasta.

Peru, Canadá, Espanha, Portugal, Áustria, Suíça, Polônia, França, Irã, Israel, Senegal, Gabão, Congo, Camarões, Tunísia, entre outros.

Há países ricos, países subdesenvolvidos (concomitantemente chamados, eufemisticamente, de países em processo de desenvolvimento) e países que conquistaram sua independência a pouco tempo. Portanto, todos os Mundos estão presentes. Devemos destacar que uma boa quantidade dos países subdesenvolvidos acabaram ingressando para o Conselho de Curadores do CID sem a contribuição financeira, anteriormente obrigatória para compor o conselho, devido às dificuldades econômicas, sobretudo os recém independentes. Está ajuda financeira era fundamental para o Centro e tornou-se uma de suas grandes dificuldades, visto que nem sempre se obtinha o esperado.

Josué de Castro possuía uma grande rede de sociabilidade com o governo chileno, notável pelo contato direto com o Embaixador do Chile em Paris, Enrique Bernstein Carabantes – boa parte das cartas durante o ano de 1969; com o Presidente do Chile à época, Eduardo Frei Montalva, que demonstra grande interesse em construir a sede do Instituto Internacional de Formação Técnica em seu país; com Carlos Massad, Presidente do Banco Central do Chile, apresentado pelo embaixador Enrique Bernstein a Josué de Castro; além do Ministro de Relações Exteriores do Chile, Gabriel Valdés. Muito pela orientação política desse governo, posteriormente assumido por Salvador Allende.

Como mencionado um dos grandes entraves encontrado pelo CID na aplicação prática dos projetos foi a falta de subsídio para as obras. Muitos países se interessaram por ambos, como a Argélia, Senegal, Camarões, Chile etc., mas não houve capital necessário para sair do papel em direção ao concreto. Na tentativa de ilustrar essa dificuldade, duas cartas irão nos ajudar. A distância de tempo que separa cada uma é de cerca de um mês (03 de março e 11 de abril, as duas do ano de 1969)[5]. Nelas persistem a busca de investimentos, bem como o sentimento de frustração.

Na primeira carta, de março, Josué de Castro busca o auxílio do Padre François Houtart[6] para mapear caminhos possíveis de financiamento para o projeto do Instituto.

> Estamos atualmente procurando formas e meios para passar este Instituto da fase do projeto para a de instituição operacional e, nesta perspectiva, estamos

[5] FUNDAJ/CEHIBRA, Acervo Pessoal Josué de Castro, 622 – Pasta CID 1964-1973.
[6] Neste momento era Secretário Geral da FERES (Federação Internacional dos Institutos de Pesquisa Social e Sócio-Religiosa). Padre e sociólogo belga, muito dedicado nas causas dos pobres, bem como com os problemas do Terceiro Mundo.

> analisando em particular as possibilidades de financiamento inicial que nos permita atender às demandas dos países em processo de desenvolvimento que já manifestaram interesse no projeto.
>
> Suas sugestões sobre nosso projeto, tanto do ponto de vista de seu espírito e métodos, quanto do ponto de vista de seu início financeiro, serão bem-vindos no Centro Internacional para o Desenvolvimento. Nesta perspectiva, não seria possível estabelecer relações, por seu intermédio, com determinados Centros ou Fundações Europeias?

É importante perceber que além das sugestões, Josué pede ajuda na intermediação com possíveis organizações fomentadoras ao Padre F. Houtart em uma relação de troca de favores. A segunda carta, de abril, é a resposta desta primeira. Nela, o padre compactua com a necessidade de um instituto que forme pessoas qualificadas para os problemas de desenvolvimento e aponta para as dificuldades de financiamento:

> [...] entendo a dificuldade de encontrar o financiamento necessário para a sua realização. Todas as organizações deste tipo enfrentam dificuldades semelhantes e por vezes é muito desanimador.
>
> A única coisa que vos posso assinalar é a existência de uma fundação que já devem conhecer, a Fundação Gulbenkian em Lisboa [...]. No entanto, não sei até que ponto ele poderia estar interessado em tal iniciativa.[7]

É premente notar a preocupação com o interesse político na busca da resolução dos problemas de desenvolvimento. Questão amplamente mencionado por Josué de Castro em suas críticas é justamente a vontade política dos governos em realmente solucionar as problemáticas decorrentes do subdesenvolvimento. E a busca, como aponta o Padre F. Houtart, é, muitas vezes, desanimadora. Josué de Castro também buscou apoio de organizações internacionais, como a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a ONU, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), entre outras.

No dia 04 de março de 1969, Josué de Castro envia uma carta para Carlos Quintana, então Secretário Executivo da CEPAL, na qual busca uma vinculação permanente entre o Centro e a Comissão, o que é confirmado no dia 13 de março de 1969, após resposta de Carlos Quintana. Chama atenção, ainda, a circulação de ideias presente nessas correspondências, visto que ambos compartilham projetos e estudos. E esta troca mútua irá permanecer, visto que a CEPAL inclui o CID na sua lista especial de distribuição de

[7] FUNDAJ/CEHIBRA, Acervo Pessoal Josué de Castro, 622 – Pasta CID 1964-1973.

documentos. Juntamente a isso, foi adicionado uma listagem com os estudos desta Comissão a serem solicitados por Josué de Castro quando fosse do seu interesse.

A solicitação ocorreu em 27 de março de 1969, após enviar uma carta a Frances W. de Jackson, Diretor da Seção de Documentos da CEPAL, para auxiliar na elaboração de um projeto intitulado Recursos Humanos e Desenvolvimento na América Latina. São nove documentos ao todo, alguns contendo mais de um volume. Entre eles, destacamos o Estudo Econômico da América Latina 1967; Educação, Recursos Humanos e Desenvolvimento na América Latina; O processo de Industrialização na América Latina e Manual de Projeto de Desenvolvimento Econômico.

Estudos que nos dão uma dimensão do que estava sendo pensado e debatido neste momento e quais preocupações Josué de Castro possuía. É possível que esses debates o tenham levado a pensar uma Universidade do Desenvolvimento para formar material humano capaz de lidar com os problemas da humanidade, sobretudo do Terceiro Mundo e, dessa forma, da América Latina – foco maior de Josué de Castro em sua trajetória enquanto exilado. O CID foi uma frente de atuação importante para Josué, e muito do seu tempo foram investidos nas atividades do Centro, seja na elaboração de projetos e estudos, em conferências e colóquios ou pelas muitas viagens que fez para promovê-lo.

Foi através destas viagens que Josué de Castro conseguiu visitar o Brasil em 1967, uma das últimas vezes em que o visitou. A outra foi em 1972. Suas viagens tiveram cobertura da imprensa francesa e das imprensas locais. Da mesma forma, suas atividades foram monitoradas pela ditadura civil-militar. O regime militar brasileiro estava diretamente preocupado com as atividades dos exilados, porque representavam um perigo para a segurança nacional, já que existia a preocupação com a imagem do regime, portanto, buscavam, a todo custo, controlar o que era dito na imprensa internacional. A repressão e a censura praticada pela ditadura civil-militar não ficou apenas nas fronteiras nacionais, alcanço as fronteiras internacionais. O perigo era, também, ideológico.

E buscava reprimir e censurar de diversas formas, seja a partir da documentação dos exilados, como foi feito com o passaporte de Josué de Castro, sucessivamente negado (AMORIM, 2016), ou através da imprensa, adidos, pelo próprio Itamaraty ou pelo governo francês, como aponta o historiador Paulo César Gomes. Estudando um dossiê da Polícia de

Paris sobre Josué de Castro, iniciado antes mesmo do início da ditadura civil-militar, Paulo César Gomes (2019, p. 85) fala que:

> Após 1964, quando Josué de Castro instalou-se definitivamente em Paris, todos os seus principais movimentos continuaram sendo registrados no citado dossiê. É possível mesmo notar que algumas informações transmitidas pela Embaixada brasileira em Paris para o Itamaraty [...], podem ter sido fabricadas pela polícia francesa e passadas para a representação diplomática brasileira. Um documento do dossiê, produzido em agosto de 1965, trata detalhadamente do CID [...]. São exatamente as mesmas informações que foram enviadas, dois meses mais tarde, pela Embaixada ao Itamaraty em ofício secreto [...].

Monitoramento, como podemos ver, sistemático que funcionava através dos vários tentáculos do Serviço Nacional de Informações (SNI). A opinião internacional era de extrema importância para a legitimidade do regime militar, sobretudo nos anos iniciais, pois ela buscava se firmar nacionalmente e internacionalmente.

O CID organizou um colóquio-debate, em Paris, no dia 19 de dezembro de 1969 para debater sobre o Informe Rockefeller, Qualidade de Vida nas Américas[8], bem como sobre o discurso do Presidente Nixon sobre a América Latina, em 31 de outubro do mesmo ano, a respeito de uma "nova política" de ajuda econômica. Nos dias 16 e 17 de dezembro, Josué de Castro enviou uma série de correspondências para personalidades latino-americanas buscando saber de suas opiniões, que seriam levadas para o debate e, também, reunidas em uma publicação do CID posteriormente. Nesse caso, como o colóquio foi organizado em pouco tempo, elas não poderiam comparecer em Paris.

O colóquio foi pensando a partir das preocupações de Josué de Castro com as demandas do seu tempo. As atribulações giravam em torno da cooperação econômica e política, da orientação ideológica, ajuda militar, se as proposições apresentadas poderiam realmente ajudar a resolver os problemas dos países latino-americanos e quais as consequências a curto e longo prazo dessa "nova política". Questões levantadas para personalidades como Alberto Lloras Camargo (Presidente da Colômbia), Gabriel Valdés, Hélio Jaguaribe (escritor e cientista político brasileiro), Radomiro Tomic (Senador do Chile) e, além de outras, Salvador Allende (presidente chileno deposto e assassinado no golpe de estado que implementou uma ditadura no Chile em 1973).

[8] Elaborado e entregue após uma série de viagens de Nelson Rockefeller pela América Latina ao Presidente Richard Nixon em 17 de novembro de 1969.

Precisamos compreender que essa "nova política" empreendida pelos EUA seguia a lógica da Aliança para o Progresso, plano lançado pelo Presidente Kennedy em 1961. Os estudos empreendidos por Nelson Rockefeller buscavam compreender as falhas do seu plano predecessor e melhorá-las. Ambos visavam combater o avanço do comunismo, no contexto da Guerra Fria. Como diz o historiador José del Pozo (2009, p. 233),

> Os Estados Unidos tentaram influir na região não só com pressões políticas e militares, como também oferecendo aos seus aliados latino-americanos um plano de desenvolvimento econômico e social, que complementava os pactos militares, visando fazer face à subversão esquerdista.

Preocupações que estavam na ordem do dia para Josué de Castro, já que estava diretamente inserido nesse debate. Da mesmo forma, buscou a opinião de diversas personalidades, possibilitando nossa apreensão das redes que foi capaz de formar. São correspondências que demonstram um intelectual preocupado com as questões da humanidade, de um Cidadão do Mundo. E agora, mais do que nunca. Já que seu país o havia exilado e não o reconhecia, negando-lhe direitos básicos. O exílio mexeu profundamente com Josué de Castro. Seja pelos diversos relatos de personalidades que o encontraram durante o exílio, como Josué Montello, como também pelo relato dos familiares (AMORIM, 2016).

Josué de Castro foi um dos poucos casos em que um exilado brasileiro do regime militar prontamente encontrou emprego e asilo, certamente, por conta do intelectual reconhecido que era. Enquanto o mundo possuía grande estima por ele, o Brasil o via como um perigo para o país. As redes de sociabilidade que construiu durante sua trajetória em diversos cargos que ocupou, além de suas obras, construíram essa imagem. Josué de Castro estava sempre atento às demandas do seu tempo, desde a busca pela paz e o desarmamento no mundo ao subdesenvolvimento. Todos atrelados ao problema da fome no mundo, tema que conduziu Josué de Castro durante seu percurso enquanto intelectual multifacetado.

Referências

AMORIM, Helder Remigio de. *Um pequeno pedaço do incomensurável:* a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. Tese (Doutorado em História) Recife: UFPE, 2016.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos.* Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998.

BOURDIEU, PIERRE. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais Ferreira. *Usos e Abusos da história oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTRO, Anna Maria de. (Org.). *Fome. Um Tema Proibido***.** Últimos escritos de Josué de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome.* A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2011.

CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio:* entre raízes e radares. Rio de Janeiro. Record, 1999.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs). *O Tempo da ditadura*: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. V.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DOSSE, François. *La marche des idées. Historie des intellectuels – histoire intellectuelle.* Paris: Éd. La Découverte, coll. Armillaire, 2003.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico.* Escrever uma vida. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. (Orgs.). *Josué de Castro*: Vida e obra. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Em família:* a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Paulo César. *Liberdade Vigiada*: as relações entre a ditadura militar brasileira e o governo francês: do golpe à anistia. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos.* O Breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivo. In: *O historiador e suas fontes.* PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

POZO, José del. *História da América Latina e do Caribe*: dos processos de independência aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual.* Entre Questionamentos e Perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil:* uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.